

Cliente: USP
Veículo: O ESTADO DE S. PAULO
Cidade: SÃO PAULO
Data: 06/07/09
Coluna: VIDA &
Página: A - 13
Cód.: 433

CIÊNCIA

Ranking coloca revistas científicas brasileiras em 'risco de extinção'

Com alterações no Qualis, sistema oficial de avaliação, periódicos nacionais têm de concorrer com estrangeiros

Herton Escobar

O espantoso aumento de 56% da produção científica brasileira em 2008 foi proporcionado, em grande parte, pelo aumento no número de revistas nacionais indexadas no Institute for Scientific Information (ISI) – o seletor banco de dados da empresa Thomson Reuters que reúne estatísticas sobre aquelas que são consideradas as melhores revistas científicas do mundo. Fato que foi celebrado como um reconhecimento da qualidade desses periódicos brasileiros no cenário internacional.

Porém, um crescente coro de cientistas tenta chamar a atenção para um fenômeno contrário que estaria ocorrendo no País. Segundo eles, várias revistas científicas brasileiras estão “ameaçadas de extinção” pelos novos critérios de avaliação adotados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para o sistema Qualis, que hierarquiza as publicações de acordo com sua importância nas respectivas áreas do conhecimento.

A crítica é endossada por pesquisadores das áreas de zoologia e botânica – além de outras disciplinas – cujas publicações foram “rebaixadas” na avaliação da Capes. Até 2008, o Qualis era dividido em duas categorias: nacional e internacional. Agora, há uma estrutura única, em que as revistas brasileiras “competem” com as estrangeiras dentro do mesmo ranking. O resultado é que muitas publicações nacionais, antes classificadas entre as melhores de sua área, passaram a ocupar os estratos mais baixos do Qualis.

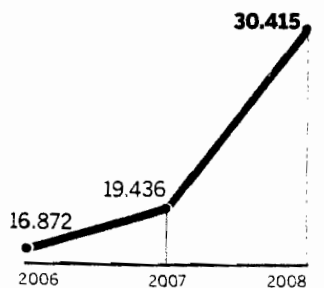
“O efeito prático, em última instância, é que estão destruindo as revistas nacionais”, diz o herpetólogo Hussam Zaher, professor titular e responsável pelas publicações científicas do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZ-USP). Ele lembra que o Qualis é um dos principais critérios usados pela Capes para avaliar os cursos de pós-graduação.

“Em flagrante contraponto à sua própria política de incentivo às publicações brasileiras, o sistema Qualis da Capes promo-

Cientometria

Produção científica

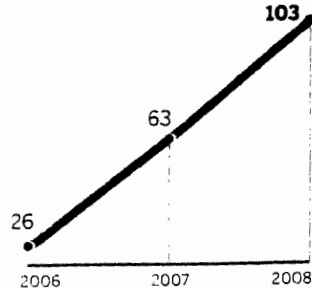
NÚMERO DE TRABALHOS PUBLICADOS EM REVISTAS ISI



Aumento de 56% entre 2007 e 2008

Base editorial

NÚMERO DE REVISTAS BRASILEIRAS INDEXADAS NO ISI



80% do aumento da produção científica entre 2007 e 2008 deve-se ao aumento do número de revistas brasileiras indexadas

O aumento da produção científica brasileira nos últimos três anos foi apoiado, em grande parte, pelo aumento do número de revistas nacionais indexadas no Institute for Scientific Information (ISI)

Impacto crescente

O Brasil foi o país que registrou o maior aumento do fator de impacto* de suas revistas indexadas no Journal Citation Reports (JCR)

PAÍS	NÚMERO DE REVISTAS NO JCR EM 1998	NÚMERO DE REVISTAS NO JCR EM 2007	AUMENTO MÉDIO DO FATOR DE IMPACTO 1998/2007
Brasil	17	27	2,98
Coreia do Sul	13	38	2,65
China	30	76	2,61
Espanha	22	35	2,32
Chile	5	8	2,07
República Checa	20	23	1,91
Índia	51	47	1,66
México	5	12	1,62
África do Sul	18	20	1,46
Hungria	19	16	1,43
Argentina	5	7	1,21

*O fator de impacto reflete a frequência com que os artigos de uma revista da base JCR são citados na literatura científica

Total de revistas científicas no mundo **250 mil**

Total de revistas científicas no Brasil **1.500**

Total de revistas científicas no Qualis **13.164**

FONTES: ROGERIO MENEZHINI/BIREME E CAPES/MEC

INFOGRÁFICO/AE

Importância das publicações nacionais cresceu

...Dentro do já seletivo grupo de revistas do Institute for Scientific Information (ISI) há uma base de dados ainda mais seleta, chamada Journal Citation Reports (JCR), que calcula o fator de impacto de publicações especialmente escolhidas. Segundo o especialista em análises de produção científica (cientometria) Rogério Meneghini, as revistas brasileiras foram as que mais aumentaram seu fator de impacto no JCR entre 1998 e 2007.

O crescimento médio foi de quase três vezes (2,98), ou quase 400%. Apesar de ter poucas

revistas no JCR (eram 17 em 1998 e 27, em 2007), o País foi o que mais aumentou proporcionalmente a importância de suas publicações no período. Em seguida vêm Coreia do Sul e China (veja gráfico nesta página).

No âmbito geral do ISI, o número de revistas brasileiras indexadas aumentou de 26, em 2006, para 103, em 2008. Segundo Meneghini, 80% do aumento da produção científica brasileira em 2008 deveu-se a isso – já que as estatísticas da Capes consideram apenas os artigos publicados em revistas indexadas. Desde 2006,

a ISI vem fazendo um esforço para indexar publicações ligadas a temas como clima, agricultura, saúde pública e regiões como a América do Sul que estavam pouco representadas na base.

Os novos critérios do Qualis, definidos em 2008, classificam as revistas em oito “estratos”: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C. A colocação de cada uma foi definida por 48 comitês da Capes que representam diferentes áreas do conhecimento. A Capes informou que há 13.164 revistas listadas no Qualis, mas não soube dizer quantas delas são brasileiras. ● H.E

“Ao ignorar esse processo, a Capes está dizendo que toda essa etapa de construção do conhecimento não tem importância científica. Só o produto final”, critica o cientista.

FATOR DE DISCÓRDIA

A principal crítica dos pesquisadores sobre o novo Qualis diz respeito ao uso do Fator de Impacto (FI) como critério único do ranking. O FI é uma “nota” calculada pela Thomson Reuters que indica a frequência com que os trabalhos em determinada revista são citados na literatura científica. Quanto maior a nota, maior a importância do trabalho e da revista. O problema é que o FI não mede a qualidade de um trabalho – apenas a sua repercussão.

“Há artigos muito bons em revistas com baixo fator de impacto que são muito citados, assim como há artigos em revistas de alto impacto que não são citados jamais”, diz a pesquisadora Vanderlan Bolzani, da Unesp de Araraquara, e presidente da Sociedade Brasileira de Química. “O fato de você publicar em revistas nacionais não significa que seu trabalho não tenha mérito, não tenha qualidade.” ●

ve um processo gradual de desagregação do nosso conjunto de revistas de qualidade das áreas de Zoologia e Botânica, que deverá restringir em curto prazo os meios de comunicação da comunidade científica nacional”, diz uma carta enviada à Capes pela Sociedade Brasileira de Zoologia (SBZ). O texto é assinado por 130 pesquisadores.

“Temo uma debandada geral de autores para publicações fo-

ra do País”, diz o biólogo Walter Boeger, professor da Universidade Federal do Paraná e editor da revista brasileira *Zoologia*. Lideranças na área de Química também publicaram editoriais e enviaram cartas à Capes com críticas semelhantes.

Entre os “ameaçados” também estão os taxonomistas – que se dedicam à descrição de novas espécies –, já que a maioria de seus trabalhos são publi-

cados em revistas nacionais. “São pesquisas que não têm grande apelo internacional, mas que são fundamentais para o conhecimento e o aproveitamento da nossa biodiversidade”, diz o biólogo Carlos Joly, editor-chefe da revista *Biota Neotropica*.

Joly ressalta que por trás de um trabalho internacional há quase sempre um histórico de publicações em revistas nacio-

Apesar das reclamações, Capes não volta atrás

“Estão reclamando deles mesmos”, disse ao **Estado** o presidente da Capes, Jorge Guimarães, ao comentar as críticas feitas ao Qualis por setores da comunidade científica. Ele ressaltou que os novos critérios foram discutidos extensivamente com representantes da academia. “Foi uma decisão dos pares, não da diretoria (*da Capes*).”

Guimarães afirmou não concordar com algumas mudanças como a limitação de revistas que podem ser classificadas num determinado estrato. Porém, a decisão já foi tomada. “Não vamos mexer nos critérios, porque não precisa”, disse.

Segundo o presidente da Capes, muitas das críticas nascem da autoavaliação dos pesquisadores, que gostariam que suas revistas estivessem no topo da lista. Ele enfatizou que o Qualis é apenas um dos critérios usados na avaliação dos cursos de pós-graduação, e que as especificidades de cada área, como no caso da taxonomia, serão levadas em conta. “O estrato B1 já é excelente. Dois artigos no B1 equivalem a um artigo na *Science* (uma das revistas mais importantes do mundo)”, comparou.

“É claro que todo mundo gostaria que sua revista fosse Qualis A. Mas, se todas estiverem no nível mais alto, como é que vamos diferenciar entre os cursos de pós-graduação?”, questiona Adalberto Luis Val, diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e ex-coordenador de Ciências Biológicas 1 na Capes. “É melhor ter um trabalho bom numa revista de alto impacto do que cem artigos pequenos que ninguém lê.” ● H.E.

Grupo reconfigura mapa subaquático de Abrolhos

Além de detalhar bancos de coral em torno do arquipélago no sul da Bahia, projeto revelou novos tipos de ambientes

Novas descobertas reforçam necessidade de colocar área maior sob proteção legal para preservar espécies relevantes, dizem biólogos

EDUARDO GERAQUE
DA REPORTAGEM LOCAL

As águas que já tinham o título de ecossistema mais diverso do Atlântico Sul são ainda mais ricas do que se pensava, mostra um levantamento inédito. O novo mapa biológico da região do arquipélago de Abrolhos, no litoral sul da Bahia, indica que seus recifes de corais são apenas um dos cinco tipos de ambientes submersos na área.

Maior levantamento oceanográfico já feito ali, o mapa é fruto de mais de dois anos de trabalho de 40 cientistas afiliados a 14 instituições nacionais. O grupo vasculhou quase 40 mil km² da chamada plataforma de Abrolhos —um tipo de tabuleiro submarino com área igual à do Estado do Rio de Janeiro.

Os biólogos da equipe, auxiliados por um robô mergulhador, revelaram cenas inéditas dos outros quatro subsistemas da região (veja mapa acima).

Se faltam ainda várias informações sobre o funcionamento desses novos ambientes, que serão processadas nos próximos meses e anos, a nova geografia de Abrolhos já está pronta, dizem os cientistas. A área conhecida agora é igual a sete vezes a anterior.

Uma das principais atrações do novo mapa são bancos de algas calcárias, os rodólitos, que se estendem ao longo da borda da plataforma. Segundo Paulo Sumida, pesquisador do Instituto Oceanográfico da USP, esses locais servem de refúgio para corais de águas rasas.

A hipótese do grupo é que os corais de Abrolhos, quando enfrentam pressões do ambiente (naturais ou causadas pelo homem), acabam migrando para profundidades superiores a 20 metros, colonizando os bancos de algas. “Nessa profundidade já existem bancos de corais formados”, diz o cientista.

De acordo com Sumida, não é apenas o refúgio de rodólitos que surpreende, mas todos os novos ambientes identificados

pelo Projeto Pró-Abrolhos.

Outras formações inusitadas são as chamadas "buracas". São fossas em forma de cone que aparecem na parte externa da plataforma de Abrolhos e que são um mistério até mesmo para os geólogos que as viram.

"Elas começam a 70 metros de profundidade e podem chegar a ter 20 metros de fundura por um diâmetro de algumas dezenas de metros", diz Sumida. Enquanto a borda dessas estruturas é rica em vida marinha, no interior desses cones

invertidos não há oxigênio. Só bactérias vivem ali.

Para dentro da plataforma, na direção da costa, aparece o "mar de cabeças".

O meio da plataforma de Abrolhos é coberto de areia carbonática. Aos olhos dos desavisados, um grande deserto. Porém, no meio disso, brotam aqui e ali colunas de coral de 50 metros de diâmetro por até 20 metros de altura que também abrigam fauna, que os cientistas chamaram de chapeirões.

Pressões

E mesmo na zona mais costeira, novidades. "É uma zona repleta de sedimentos terrígenos, trazidas pelos rios da região", diz Rubens Lopes, professor e pesquisador do IO/USP e um dos coordenadores do projeto Pró-Abrolhos.

Essa grande quantidade de terra que está no mar, além de um processo natural, também é carregada porque, no continente, existe agricultura, atividade humana que pode ser bastante prejudicial ao ambiente.

Todos esses achados, desconhecidos até agora da comunidade científica, reforçam a importância ecológica da área, explica Lopes. "No mínimo, serve para mostrar que o uso da área precisa ser analisado como muito cuidado", diz.

O Parque Nacional Marinho de Abrolhos, criado em 1983 —o primeiro do gênero no país—, cobre apenas 2% de toda a plataforma estudada.

De acordo com os pesquisadores que revelaram esses novos ambientes de Abrolhos, não há dúvida de que os novos dados tornam a região ainda mais complexa e delicada.

Aquela parte do litoral sul da Bahia é cobiçada tanto pelos criadores de camarão, que querem tomar conta das áreas mais próximas ao litoral, quanto pela indústria do petróleo.

Blocos para a extração do mineral já entraram em licitações anteriores feitas pela ANP (Agência Nacional do Petróleo). Acabaram retirados do processo, porém, por decisão de autoridades ambientais.

Pelo menos por enquanto, disse a agência à **Folha**, não existe previsão de que essas áreas sejam licitadas.

Mar abriga redemoinhos gigantescos

DA REPORTAGEM LOCAL

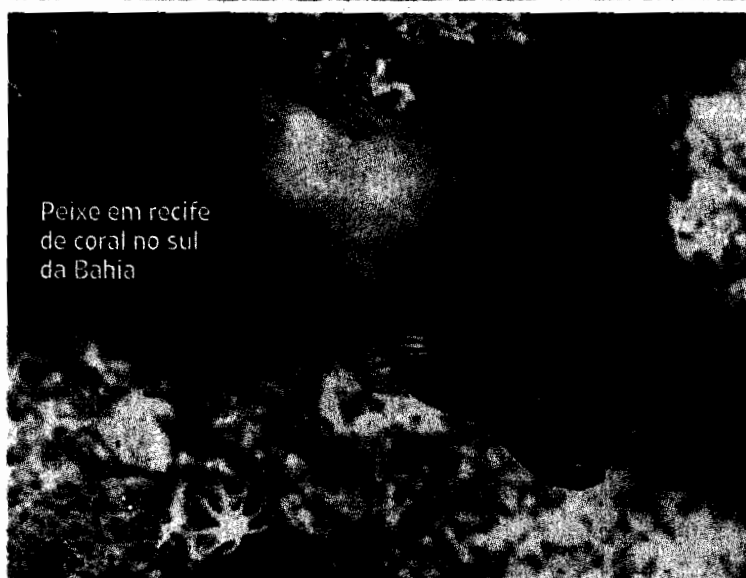
As pesquisas na região de Abrolhos trouxeram novidades também para os oceanógrafos físicos. Na área, eles identificaram dois grandes vórtices, um tipo de redemoinho de água que gira, neste caso, no sentido anti-horário.

"Eles têm até 120 metros de diâmetro", diz Ilson Silveira, cientista da USP, que analisou os dados com Rafael Soutelino.

A hipótese mais provável, diz Silveira, é que esses vórtices sejam praticamente perenes na costa brasileira. "Em todos os cinco cruzeiros que foram feitos na região de Abrolhos entre 2002 e 2007 essas estruturas estavam lá", diz o pesquisador.

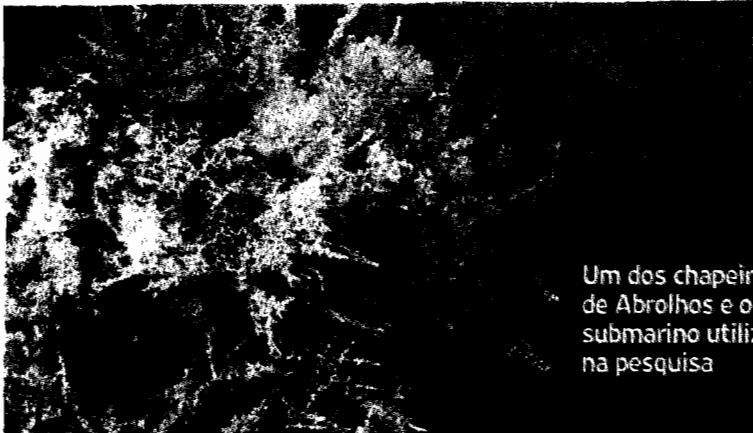
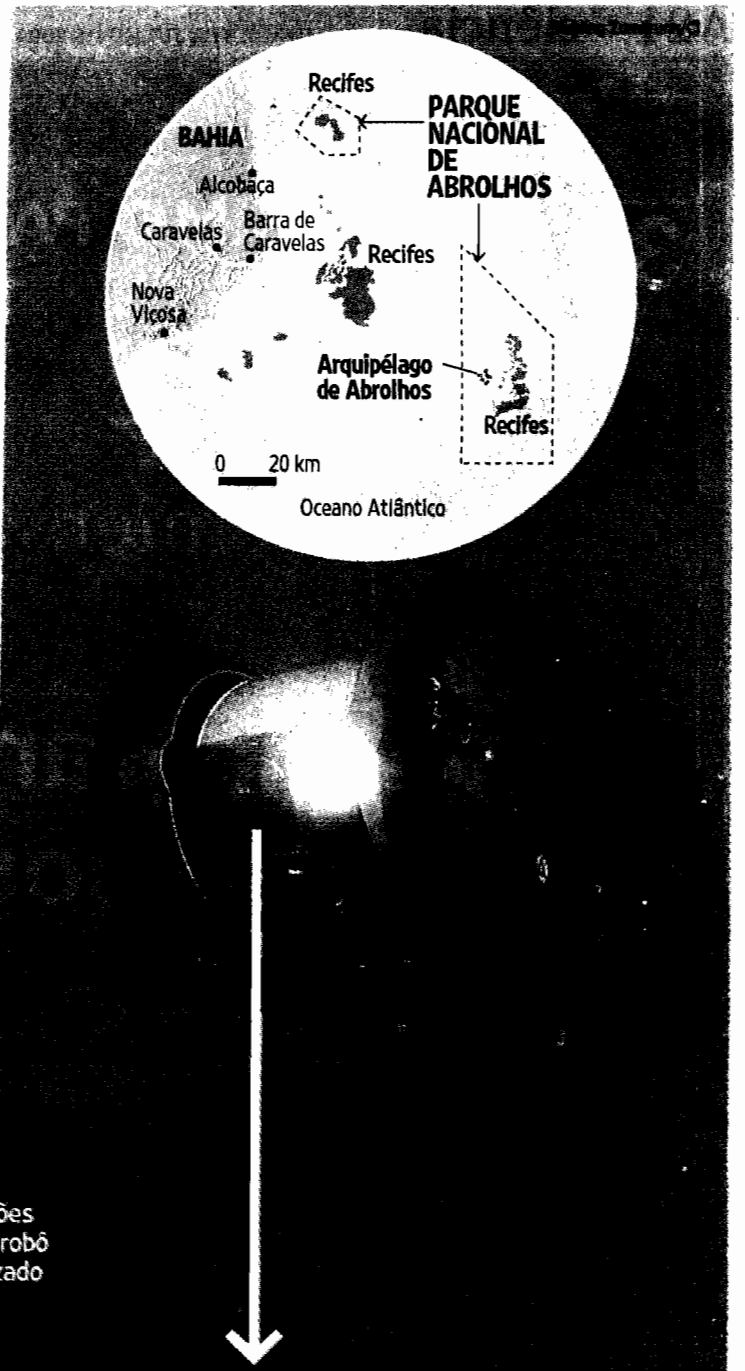
Apesar de a medida vertical dos redemoinhos ser variável, eles podem ultrapassar os 200 metros de profundidade. "Isso ainda é relativamente raso", diz.

Esses fenômenos físicos têm muita importância para a região. Eles ajudam na dispersão das larvas de vários grupos animais, mas também podem contribuir para poluir rapidamente Abrolhos, em um eventual vazamento de petróleo, por exemplo. (EG)



Peixe em recife
de coral no sul
da Bahia

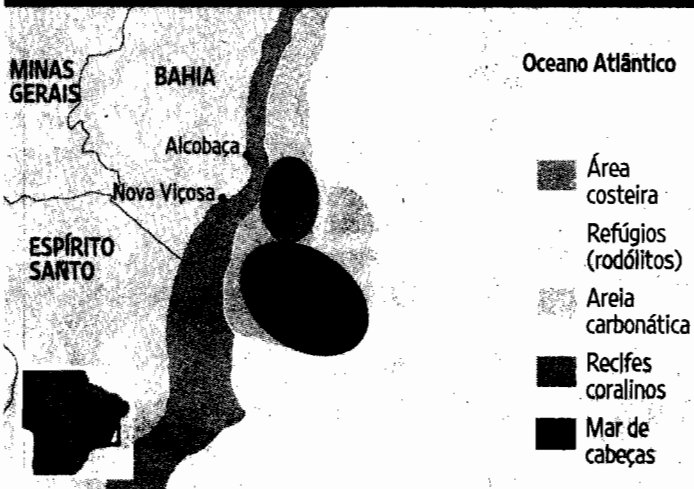
Conservação Internacional



Um dos chapeirões de Abrolhos e o robô submarino utilizado na pesquisa

RADIOGRAFIA DE ABROLHOS

Local tem vários ambientes marinhos



Robô da USP registra o banco de rodólitos



Obra de Márcio Banfi, na Verbo



Instalação interativa de Carlos Praude, em exposição no Itaú Cultural

+ Evento Verbo 2009

Começa amanhã a já tradicional mostra de performances na galeria Vermelho (tel. 0/xx/11/3138-1527) e na Funarte; a quinta edição da “Verbo” apresenta ações e instalações criadas por mais de 50 artistas, oficinas de criação e o seminário “Verbo Conjugado”, no Centro Cultural São Paulo.

+ Ensaio Inteligência Brasileira

Originalmente publicado em 1965, este livro do alemão Max Bense (1910-90) relata encontros do autor com expoentes da cultura brasileira, como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Lucio Costa, entre outros. Trad. Tercio Redondo. Cosac Naify (tel. 0/xx/11/3091-4008). 120 págs., R\$ 39.

+ Crítica João do Rio e o Palco

Organizada em dois volumes, a obra reúne os textos jornalísticos sobre o teatro brasileiro no início do século 20 escritos por João do Rio, pseudônimo do jornalista João Paulo Alberto Coelho Barreto (1881-1921). Níobe Abreu Peixoto (org.). Edusp (tel. 0/xx/11/3091-4008). 592 págs., R\$ 85.

+ Autobiografia Cadernos da Guerra...

... e Outros Textos”. Reúne escritos de Marguerite Duras (1914-96) dos anos 1940, em que ela evoca períodos da sua vida, desde a infância na Indochina, onde nasceu, a episódios na França durante a Segunda Guerra. Trad. Mário Laranjeira. Estação Liberdade (tel. 0/xx/11/3661-2881). 384 págs., R\$ 56.

+ Exposição GamePlay

O Itaú Cultural (tel. 0/xx/11/2168-1776) apresenta 11 videogames e seis instalações interativas que colocam em questão a especificidade da “game art”, modalidade artística que passa menos pela diversão do que pela crítica, como na máquina de fliperama que emula um filme de Eisenstein.

+ Cinema The Lubitsch Touch

O Centro Cultural Banco do Brasil (tel. 0/xx/11/3113-3651), em SP, exhibe, a partir da próxima quarta, 14 obras do cineasta alemão Ernst Lubitsch (1892-1947). Destaque para as sessões em 35mm dos clássicos “Ana Bolena” (1920), “Ninotchka” (1939, com Greta Garbo) e “Ser ou Não Ser” (1942).

Cliente: USP
Veículo: FOLHA DE S. PAULO
Cidade: SÃO PAULO
Data : 05/07/09
Coluna: COTIDIANO
Página: C - 15
Cód.: 339

AGENDA DA SEMANA

2ª FEIRA, DIA 6

» As inscrições gratuitas para a Universidade Aberta para o Envelhecimento Saudável, da Faculdade de Medicina da USP, estão abertas para pessoas com mais de 60 anos e acompanhamento médico regular.

» 8h às 15h, rua dr. Enéas de Carvalho de Aguiar, 155, São Paulo

» O Centro de Psicologia Aplicada da Universidade São Judas Tadeu tem vagas abertas para atendimento psicológico gratuito para casais e famílias.

» 13h às 17h, rua Marcial, 45, São Paulo. Inscrições podem ser feitas por telefone (0/xx/11/2799-1831) ou pessoalmente

» A Universidade Guarulhos oferece acompanhamento gratuito por três meses para perda de peso.

» 8h às 13h, 0/xx/11/2464-1737. Interessados podem se inscrever por telefone ou e-mail (paddac@ung.br), fornecendo nome, idade, telefone de contato, peso e altura

Cliente: USP
Veículo: FOLHA DE S. PAULO
Cidade: SÃO PAULO
Data: 05/07/09
Coluna: COTIDIANO
Página: C - 14
Cód.: 338

GILBERTO DIMENSTEIN

Cuidado: São Paulo está em seu coração

É PRECISO ter bom coração para sobreviver na cidade de São Paulo —literalmente.

Divulgado na semana passada, levantamento feito com 35 mil pessoas pela Secretaria da Saúde e Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo estimou que cerca de um terço dos moradores da capital tem risco mais elevado de sofrer um infarto nos próximos cinco anos.

Entre os vários fatores de risco —alimentação, estresse, obesidade, sedentarismo, fumo—, um deles vem do ar. O Laboratório de Poluição da USP aponta crescimento de problemas cardíacos associados à fumaça dos veículos que entopem as ruas; a poluição tiraria um ano de vida dos paulistanos.

Esse é um dos ingredientes por trás da montagem em andamento de um índice de felicidade dos paulistano, que engloba do sono ao desempenho sexual, passando pela convivência com amigos e familiares —são alguns fatores, aliás, relacionados ao coração.

★

Começaram a chegar, na semana passada, as primeiras respostas dos questionários enviados pelo Movimento Nossa São Paulo para a elaboração dos Indicadores de Referência de Bem-Estar no Município (IRBM). Seu objetivo é revelar o que a cidade entende por qualidade de vida —por isso entram questões sobre família, espiritualidade, consumo, em meio aos temas mais óbvios como mobilidade, saúde, habitação, emprego, renda, cultura ou educação.

Com assessoria do Ibope, o índice será lançado em janeiro e, a partir daí, acompanhado periodicamente. O difícil é transformar todos esses dados em ação.

Uma coisa é pedir mais creches e asfalto ao prefeito ou limpeza dos rios ao governador, outra é saber como se melhora o sono, o tempo disponível para o lazer, famílias e amigos. É como se a cidade fosse encarada como um país.

★

Quando se fala em poluição, por exemplo, há muitos atores. A prefeitura tem sua cota de responsabilidade: o trânsito, a demora da inspeção veicular, a incapacidade de tirar os carros ilegais das ruas. Mas se pode responsabilizar o governo federal por não ter repassado verbas ao Rodanel e ao metrô, o governo estadual por não punir os municípios vizinhos que jogam seu esgoto diretamente nos rios da cidade de São Paulo e as escolas por não ensinarem questões ambientais.

Para salvar empregos, a redução de impostos federais e estaduais ajudou a produzir recorde na venda de

Laboratório de Poluição da USP aponta crescimento de problemas cardíacos associados à fumaça dos carros

carros. E, claro, mais ruas entupidas e ar mais sujo. Na semana passada, reportagem do jornal "O Estado de S. Paulo" mostrou que, apesar de todas as modificações no trânsito, a velocidade média dos automóveis não para de cair. Na hora do pico, caiu para 17 km/h —uma charrete puxada a cavalo se movimenta a 28 km/h; alguém caminhando sem muita pressa atinge 5 km/h.

Pode-se atacar a Petrobras por produzir um óleo diesel altamente poluente, a tal ponto que a empresa foi retirada do Índice de Sustentabilidade da Bovespa —na semana passada, chegaram documentos aos Estados Unidos para que ela fosse retirada desse mesmo índice da Bolsa de Nova York.

Não por acaso, muitos dos grupos que participam do Movimento Nossa São Paulo fazem pressão contra a Petrobras por meio de outras entidades, como a Ethos, cuja missão é a responsabilidade empresarial.

★

A poluição é apenas um exemplo dos múltiplos focos de cobrança em

torno de um mesmo assunto.

O índice da felicidade exigiria a cobrança, a partir de cada prioridade, dos mais diferentes níveis de governo. Mais tempo com a família exige ações para que as pessoas morem mais perto do trabalho —ou mais espaços culturais e de lazer. Melhor sono exige da fiscalização do barulho na rua até tratamento psicológico ou médico.

É um aprendizado e tanto para um país em que as pessoas não sabem direito as funções e responsabilidades dos governos federal, estadual e municipal que, na maioria das vezes, atuam sem coordenação. Para completar, sempre esperamos soluções de cima, a começar de Brasília.

Aprende-se a transformar o local indo a sua rua, passando para o bairro até chegar à cidade —o que vimos, na semana passada, nos bastidores de Brasília, envolvendo Lula, PT e Sarney, é mais um estímulo para ficarmos mais na planície do que no planalto.



PS - Um dos sinais de incivilidade de nossas cidades é a falta de vontade dos governantes em atuar com mais rigor contra os veículos particulares. Acaba-se pagando um pedágio camuflado nas horas paradas ou nos estacionamento, cada vez mais caros.

Por isso, uma das minhas imagens preferidas, neste ano, é a da Times Square fechada para os automóveis. É algo que, até pouco tempo atrás, não seria imaginado nem nos palcos de um daqueles teatros.

Aliás, Nova York está abrindo mais ruas para pedestres, a exemplo do que ocorre em muitas cidades como Paris, Londres, Estocolmo, Roma e Bogotá.

A maioria da população apoia pelo simples motivo de que cresce a consciência de que o índice de felicidade está mais para espaços abertos do que trancado dentro de um carro, por mais confortável que seja.

gdimen@uol.com.br

Cliente: USP
Veículo: ISTO É
Cidade: SÃO PAULO
Data: 08/07/09
Coluna: SEMANA
Página: 28
Cód.: 47

Semana

JUSTIÇA

O exemplo do juiz Ali Mazloum é para ser seguido



O juiz Ali Mazloum (7ª Vara Criminal Federal de São Paulo) está dando um exemplo que deve ser seguido por todos os magistrados, de todas as instâncias, do Brasil. Além

de condenar traficantes à prisão, Mazloum determina que eles depositem para o Ministério da Saúde ou para a Secretaria Estadual da Saúde uma quantia em dinheiro para arcar com os custos que o País tem com tratamento de dependentes químicos. Mazloum já fez quatro traficantes cumprirem essa determinação (depósitos no valor de R\$ 50 mil).

CELEBRIDADES

A mansão que Madonna comprou. Com desconto

Madonna trabalha bem com imóveis. Ela conseguiu um desconto de US\$ 7,5 milhões na compra de uma mansão de 26 cômodos em Nova York. A casa, que fica no Upper East Side, estava originalmente à venda por US\$ 40 milhões. Essa foi a maior transação financeira de um imóvel residencial em Nova York, em 2009.

MEMÓRIA



O MÉDICO DAS CAUSAS SOCIAIS

O médico José Aristodemo Pinotti, um dos mais conceituados ginecologistas e obstetras do País, morreu na quarta-feira 19, em São Paulo, aos 74 anos – sofria de câncer de pulmão. Combinou brilhante carreira acadêmica e intensa atividade política: professor titular da USP e da Unicamp, assinou 671 artigos científicos. Ocupou importantes postos públicos, entre eles a Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo. Uma das causas sociais que defendeu vai ser julgada no STF e merece voto a favor:

Pinotti defendia a tese de que os planos de saúde têm de ressarcir os cofres públicos sempre que o SUS assistir pacientes conveniados.

A ARTE DE PINA BAUSCH

Nada fácil romper os limites entre o balé e o teatro, e a eles incorporar elementos das artes visuais. Mas era das causas quase impossíveis no campo artístico que se alimentava o talento da coreógrafa e bailarina alemã Pina Bausch, maior nome da dança contemporânea. Ela morreu na terça-feira 30, na Alemanha, cinco dias depois de ter-lhe sido diagnosticado um câncer. O seu estilo chama-se "dança-teatro": os bailarinos atuavam entre cadeiras, em palcos cobertos de flores ou só andavam e conversavam nos espetáculos. "Não me interessa como as pessoas se movem, mas o que as move", dizia ela.

